

MULHERES NEGRAS E O COMUM: MEMÓRIA, REDES SOCIAIS E TÁTICAS COTIDIANAS

BLACK WOMEN AND THE COMMONS: MEMORIES, SOCIAL NETWORKS AND DAILY TASKS

**Bianca Santana
Marco Antonio de Almeida**

Resumo: As mulheres negras compõem um grupo social privado de direitos, ocupando a base da pirâmide social brasileira. Em condições precárias de acesso a bens de mercado, as práticas de compartilhamento de recursos entre si, segundo normas específicas de cada comunidade, são essenciais à diminuição de custos de vida e à proteção social. A pesquisa aqui brevemente apresentada tem o objetivo de registrar e analisar táticas cotidianas de compartilhamento em rede dessas mulheres como práticas do comum (*commons*), que vêm de longa data, buscando compreender o papel da memória, da circulação da informação/conhecimento e dos usos da internet nestas práticas. Para tanto, será sistematizado um referencial bibliográfico sobre mulheres negras, escrita de si, bem viver, comum, filosofia ubuntu, memória, táticas e redes sociais, e serão analisados textos produzidos por mulheres negras durante oficinas de escrita autobiográfica.

Palavras-chave: Comum, Mulheres Negras, Redes Sociais, Conhecimento, Informação

Abstract: Black women are a social group deprived of rights, occupying the base of the Brazilian social pyramid. In precarious conditions of access to market goods, practices of sharing, according to specific norms of each community, are essential to the reduction of living costs and social protection. The research here briefly presented aims to record and analyze daily tasks as practices of commons that have come from a long time, trying to understand the role of memory and the uses of the internet in these practices. For that, a bibliographic reference will be systematized on black women, self writing, *buen vivir*, commons, ubuntu philosophy, memory, tasks and social networks, and texts produced by black women during autobiographical writing workshops will be analyzed.

Keywords: Commons, Black Women, Social Networks, Knowledge, Information

1 Introdução

A história das mulheres negras no Brasil, assim como em toda a América Latina e o Caribe, está marcada pelo tráfico de africanos dos séculos 16 a 19 e a escravidão que, no Brasil, durou quase 400 anos. Além da brutal violência, o contexto da escravidão foi marcado por resistência e luta, fosse nos quilombos, na religiosidade ou nas ações cotidianas de sabotagem e recusa (WERNECK, 2005).

Nos 130 anos que seguem à abolição, a maior parte da população negra brasileira segue excluída do acesso a direitos e de usufruir das promessas do capitalismo. A vida em comunidade, com o compartilhamento de recursos variados, se impõe não somente como escolha, mas como necessidade de sobrevivência. As mulheres negras brasileiras, em sua experiência de exclusão e discriminação, se engajam em redes urbanas, rurais, digitais, criam

e compartilham táticas de sobrevivência e resistência, naquilo que o poeta Arnaldo Xavier nomeou o “matriarcado da miséria”.

2. Desenvolvimento

No período pós-abolição, coube à mulher negra arcar com a posição de viga mestra de sua comunidade. Foi o sustento moral e a subsistência dos demais membros da família. Isto significou que seu trabalho físico foi decuplicado, uma vez que era obrigada a se dividir entre o trabalho duro na casa da patroa e as suas obrigações familiares (GONZALEZ, 1979, p.13).

Muitos dados permitem visualizar que as mulheres negras ocupam a base da pirâmide social brasileira: são as que recebem os menores salários, cerca de 40% do que ganham os homens brancos (MTPS; IPEA, 2016); as mais vulneráveis ao desemprego, com 13,3% de mulheres negras desocupadas (IPEA, 2017); mais expostas ao analfabetismo, cerca de 10,2% das mulheres negras com mais de 15 anos de idade não são alfabetizadas (IPEA, 2017); as maiores vítimas de homicídio, proporcionalmente, são assassinadas 66,7% mais meninas e mulheres negras do que brancas no Brasil (ONU, 2015). No estado de São Paulo, o percentual de pessoas negras que moram nas chamadas habitações subnormais (favelas, cortiços, palafitas, loteamentos clandestinos e/ou irregulares) é de 60,66% (IBGE, 2010 apud OLIVEIRA; SOUZA, 2014).

Nestas condições, parece essencial perguntar: quais as táticas de vida dessas mulheres? Tática, na visão de Certeau (1990, p. 100), “ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio”. Porque, em condições econômicas tão desfavoráveis, elas inventam soluções colaborativas para a manutenção de suas vidas e suas comunidades: compartilham os cuidados de crianças e idosos, alimentos e moradia entre núcleos familiares distintos. Nos quilombos, nas ações cotidianas de sabotagem e recusa, no candomblé, no samba, essas mulheres forjam soluções culturais para os problemas econômicos. Nas palavras de Fernanda Carneiro: “condutas, com conteúdos e táticas de uma liberdade vivida sob tensão e funcionam como memória coletiva, inscrevendo na cultura e no cotidiano uma crônica alternativa de vida” (CARNEIRO, 2006, p. 23).

Além da transmissão oral e pelo corpo, as memórias das mulheres negras estão presentes também na internet. Sites, blogs, páginas e perfis de redes sociais têm alcançado muitas pessoas ao disseminarem e valorizarem informações e conhecimentos acerca da história e das conquistas das mulheres negras; além de contarem muitas das práticas

cotidianas e da oralidade. O portal Geledés e o Blogueiras Negras são exemplos importantes desse fenômeno.

As táticas de vida de mulheres negras, presentes em suas memórias, compartilhadas oralmente e pelas redes são aqui consideradas comuns. Nas palavras de Silvia Federici, pode-se apreender comum como “a partilha dos meios materiais e o mecanismo primordial pelo qual se criam o interesse coletivo e os laços de apoio mútuo” (FEDERICI, 2014, p. 152). O comum tem sido estudado há décadas, em diversos campos de conhecimento. A prêmio Nobel de Economia Elinor Ostrom analisou mais de duas décadas de gestão dos bens naturais comuns; Yochai Benkler, no direito e na economia, tem se dedicado a estudar os *commons* digitais, assim como Antonio Negri e Michael Hardt, na filosofia. No âmbito da informação digital, softwares livres, obras licenciadas em Creative Commons e a Wikipédia são comuns expressivos.

Segundo a socióloga Miriam Lang, especialista em Estudos de Gênero e colaboradora de diversas organizações de mulheres indígenas na América Latina, todos esses movimentos pelo comum, compartilham de alguns princípios, como:

o respeito à diversidade e o valor central da deliberação; a democratização da economia e da tecnologia; a transformação da propriedade privada em propriedade social ou em comuns; a soberania alimentar; a solidariedade e a reciprocidade (LANG, 2016, 34).

Na cosmologia ameríndia quéchua, esta sabedoria ancestral de unicidade entre pessoas e a natureza, sem o objetivo da alienada acumulação capitalista, este fazer solidário é chamado Bem Viver, escreveu Alberto Acosta. O Bem Viver está nas comunidades indígenas latino-americanas, mas também nos sambas, candomblés e favelas brasileiras.

3 Conclusão

Em oficinas de escrita, as mulheres negras podem acessar e narrar suas memórias de compartilhamento de recursos, laços de apoio mútuo, comunidades autogovernadas. A análise de tais narrativas, à luz do referencial teórico acima apresentado, permite registrar e analisar táticas cotidianas de compartilhamento em rede de mulheres como práticas do comum (*commons*), que vêm de longa data, aprofundando a compreensão sobre a memória e os usos da internet nestas práticas. Silvia Federici afirma que em todo o mundo as mulheres dependem mais que os homens do acesso ao comum e estão mais comprometidas com sua defesa. O argumento principal da autora está no fato de as mulheres serem histórica e socialmente as principais responsáveis pelo trabalho de reprodução da vida, como cozinhar, lavar, limpar e cuidar. Ela afirma a coletivização deste trabalho reprodutivo entre muitas

mulheres como ferramenta para diminuir os custos de vida e se protegerem mutuamente da pobreza, da violência dos homens e do Estado.

Referências

- ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Elefante, 2016.
- CARNEIRO, Fernanda. **Nossos passos vêm de longe...** In: WERNECK, J. MENDONÇA, M. WHITE, E. O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe". Rio de Janeiro: Pallas/ Criola, 2006.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- FEDERICI, Silvia. O feminismo e as políticas do comum em uma era de acumulação primitiva. In: MORENO, Renata. **Feminismo, economia e política**. São Paulo: SOF, 2014.
- GONZALEZ, Lélia. **Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos lingüísticos e políticos da exploração da mulher**. Comunicação apresentada no 8º Encontro Nacional da Latin American Studies Association Pittsburgh, 5 a 7 de abril de 1979. Disponível em: https://coletivomariasbaderna.files.wordpress.com/2012/09/cultura_etnicidade_e_trabalho.pdf
- IPEA. **Dossiê Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília, 2013.
- IPEA. **Retrato das Desigualdades Gênero e Raça**. Brasília, 2011.
- IPEA. **Atlas da violência**. Brasília, 2017.
- LANG, Miriam. Alternativas ao desenvolvimento. In: DESCOLONIZAR o imaginário: debates sobre pós-extratativismo e alternativas ao desenvolvimento. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016.
- MTPS, IPEA. **Nota Técnica Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014**. Brasília, 2016.
- OLIVEIRA, Reinaldo José; SOUZA, Regina Marques. Direito à moradia: reflexões sobre território e compromisso com o maior contingente populacional brasileiro. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**. Vitória da Conquista-BA n. 17 p. 207-222 2014
- ONU. Flacso. **Mapa da violência 2015: homicídios de mulheres no Brasil**. Brasília, 2015.
- OSTROM, Elinor et al. **Governing the commons: the evolution of institutions for collective action**. 1990.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br>>. Acesso em: 14 set. 2017.

VI Seminário de Pesquisa em Ciência da Informação do PPGCI 2017
Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo

WERNECK, Jurema. De Ialodês e Feministas: reflexões sobre a ação política das mulheres negras na América Latina e Caribe. **Nouvelles Questions Féministes** : revue internationale francophone, vol. 24, n. 2, 2005. Disponível em:
<<http://mulheresrebeldes.blogspot.com.br/2008/10/de-ialods-e-feministas.html>> . Acesso em: 14 set. 2017.

Sobre a autora e o autor:

Bianca Santana

Doutoranda PGCI-ECA/USP

email: biancasantana@gmail.com

Marco Antonio de Almeida

Professor PGCI-ECA/USP

email: marcoaa@ffclrp.usp.br